

O TESOURO DE PARADELA-SEQUEIRO LONGO (CINFÃES) SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO ENTESOURAMENTO E DA CIRCULAÇÃO MONETÁRIA NO VALE DO DOURO

José Marcelo S. Mendes-Pinto*

RESUMO

O Tesouro de Paradela-Sequeiro Longo (Cinfães) foi encontrado em 1997 numa intervenção arqueológica de emergência que revelou um nível de ocupação romana; deste depósito resta um conjunto de 23 moedas com cronologias que vão dos finais do século III aos finais do século IV, tendo sido provavelmente escondido nos inícios do século V.

PALAVRAS-CHAVE: Tesouros monetários; Tesouros da Hispânia; Numismática romana

ABSTRACT

The hoard of Paradela-Sequeiro Longo (Cinfães) was found in 1997 during an archaeological emergency survey that revealed a Roman occupation level. The deposit includes 23 bronze coins dated from the late third-century AD to the end of the fourth-century and it was probably hidden in the beginnings of the fifth century AD.

KEYWORDS: Coin hoards; Hispanic coin hoards; Roman numismatics

1. O achado e os seus contextos

Em 1997, uma intervenção arqueológica de emergência no sítio de Paradela-Sequeiro Longo, concelho de Cinfães, revelou a presença de um nível de ocupação romano, tendo aparecido um conjunto de 23 moedas romanas¹.

O local situa-se no sopé de uma pequena elevação inserida na mancha urbana de Cinfães, ao longo de um estradão, à época de terra batida, que foi alargado pela Câmara Municipal e que ligava aos bairros sociais de Sequeiro Longo.

Pela descrição efectuada pelo arqueólogo responsável pela intervenção, verifica-se que foi detectado um nível de ocupação completamente destruído, onde se constatou o negativo de um muro e restos de um pavimento em terra batida, sobre o qual apareceu um espólio constituído por abundantes fragmentos de tégula, o conjunto de 23 moedas romanas, fragmentos de uma sítula em bronze, cerâmica comum romana muito fragmentada mas de bom fabrico, no dizer do autor, e ainda fragmentos de *dolium*. Torna-se assim impossível determinar com segurança qual

* Arqueólogo.

¹ Agradecemos a informação bem como a cedência dos materiais para estudo ao Dr. Luís M. Silva Pinho, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cinfães, autor da intervenção arqueológica aí efectuada.

seria o total de numismas que comporiam originalmente o conjunto, uma vez que a movimentação de terras ali efectuada e a fraca potência dos estratos arqueológicos pesquisados fazem supôr que poderia ser maior o tesouro original, e que muita informação se deve ter perdido antes da intervenção arqueológica. A cerca de um quilómetro deste local, na Chieira, apareceu um edifício que poderá ter pertencido à *pars fructuaria* de uma *villa* tardia (séculos III a V) em bastante mau estado de conservação².

Cinfães situa-se a cerca de 400 metros de altitude na margem esquerda do rio Douro, numa zona com acentuado relevo orográfico, e o seu território incluir-se-ia na *civitas* dos *Paesuri*, resultante da ordenação territorial definida por Augusto. Apesar das características montanhosas da região, a romanização introduziu aqui uma agricultura intensiva explorada a partir dos povoados, *vicus* e *villae* de que subsistiram alguns vestígios, num território cuja proximidade a *Tongobriga* (Freixo, Marco de Canavezes), na margem direita do Douro, revela uma aculturação profunda nos finais do século IV, com uma economia já perfeitamente monetarizada, como à frente teremos ocasião de constatar. As comunicações entre as duas margens do Douro nesta época, apesar de não aparecerem referidas no *Itinerário de Antonino*, inseriam-se em dois eixos viários que passavam provavelmente por *Tongobriga*³ vindos de Bracara Augusta. O primeiro atravessaria de Porto Manso, na margem direita, onde ainda são visíveis restos de uma antiga calçada, para Porto Antigo, na margem esquerda, onde subiria aproveitando a encosta da margem direita do rio Bestança pelo Montemuro até Castro Daire e Viseu.

O outro traçado atravessaria em Várzea do Douro, na margem direita, para Escamarão, na margem esquerda, subindo depois pela margem direita do rio Paiva e continuando também para Viseu até *Augusta Emerita* (Mérida). Segundo António M. Lima⁴, é provável que um outro atravessamento, vindo de *Tongobriga*, se fizesse ainda no Douro por alturas da actual barragem do Carrapatelo, aproveitando a Portela de Mexide e dirigindo-se, no sentido nascente-sul, para Mourilhe(Cinfães), através do vale da Ribeira de Sampaio em direcção a Ervilhais e Nespereira, também no concelho de Cinfães. A verdade é que a existência destes trajectos transforma esta zona, à partida numa situação de algum isolamento, numa área cujas populações contactariam com regularidade grandes centros habitacionais e cujas produções, sobretudo agrícolas e artesanais, teriam escoamento mais fácil e inserido num sistema económico em que as transacções se fazem utilizando a moeda como instrumento de troca, gerando proventos e mais-valias que por vezes eram entesouradas.

² Pinho, Luís M. da Silva; Lima, António Manuel C.; Correia, Alexandre Lourenço, *Roteiro Arqueológico de Cinfães*, C. M. Cinfães, Cinfães 1998.

³ Lino Augusto Tavares Dias, *Tongobriga*, IPPAR, Lisboa, 1997, pp. 319-320.

⁴ Pinho, Luís M. da Silva; Pereira, A. S., 1ª Campanha de Escavações da Chieira, *Terras de Serpa Pinto*, 7, 1997, p. 19.

2. O tesouro

O tesouro de Paradelas-Sequeiro Longo compõe-se, como atrás referimo, de 23 moedas que estariam envolvidas nos restos de uma sítula de bronze, o que não é muito usual nos tesouros aparecidos em Portugal. São de vários tipos os recipientes e contentores de tesouros monetários que se usavam na época romana. Fruto de poupanças, estes “tesouros” guardavam-se em casa, em *armaria* ou *arcae* de madeira, como descreve Cícero no *Pro Cluentio*, ou então, como era mais comum - sobretudo nas zonas rurais - em recipientes cerâmicos do tipo *dolia*, bilhas ou panelas.

Na região compreendida entre Douro, Ave e Tâmega⁵ onde o fenómeno do entesouramento nos séculos IV e V foi por nós exaustivamente estudado, dos 26 tesouros baixo-imperiais aí encontrados, 15 apareceram encerrados em contentores cerâmicos, um apareceu numa saca de couro e quanto aos restantes não foi possível apurar qual o tipo de contentor. Mais raros em território português são os tesouros aparecidos em contentores metálicos, de vidro ou outros, como os porta-moedas de pano ou de couro, dada a sua natureza perecível. Fruto de entesouramento particular, como parece deduzir-se pela pequena quantidade de moedas encontradas, este tesouro deveria estar guardado ou dentro, ou nas proximidades de uma habitação, o que também corresponde ao paradigma da maioria de conjuntos monetários encontrados no nosso território.

A composição do tesouro de Paradelas-Sequeiro Longo é característica dos tesouros do século V e reflecte uma tipologia que foi observada entre Douro, Ave e Tâmega nos tesouros que incorporam maioritariamente moeda do século IV e terminam com moeda da casa de Teodósio. Se, por um lado o número de moedas deste tesouro que chegou até nós é relativamente escasso, apenas 23 exemplares, não se sabendo qual o número exacto de moedas que o comporiam originalmente, a verdade é que a sua distribuição cronológica é paradigmática.

O tesouro inicia-se com uma moeda de Cláudio II, emitida em Roma à volta de 270, já fora de circulação à época do entesouramento, mas que devido às dificuldades de abastecimento de numerário à Península por parte da administração central romana, volta a cumprir as suas funções monetárias, com valor que desconhecemos mas que deveria ser idêntico ao das moedas então em circulação que ostentavam o mesmo módulo. Este fenómeno foi identificado em várias regiões do Império onde se verificaram dificuldades de abastecimento de moeda em virtude das perturbações militares e políticas causadas pelas invasões bárbaras, ou pelas perturbações causadas pelos bagaudas.

Seguem-se 11 moedas da casa de Constantino, distribuídas por Constantino I (1), Helena (1), Constâncio II (4), Constans (2) e Juliano, não sendo possível noutra

⁵ José Marcelo S. Mendes-Pinto, *Tesouros monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*, Anexos *Nymmvs*, nº 8, Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto, 2007, pp. 183-186.

identificar o busto do imperador.

Verificamos depois a presença de um AE3 do tipo SECVRITAS REIPVBLICAE atribuível à casa de Valentiniano.

Como atrás dissemos, o tesouro termina com 3 pequenos AE4 da casa de Teodósio, sendo uma VICTORIA AVGGG atribuível ao próprio Teodósio I, e duas SALVS REIPVBLICAE, sendo uma de Arcádio, e a outra ou de Teodósio I, ou Valentiniano II, ou Arcádio ou Honório, não sendo possível fazer a distinção dado o mau estado do seu anverso.

As datas de emissão destas moedas podem atingir o ano de 395, apresentando grande desgaste e sinais de uma circulação intensa, o que com toda a probabilidade indicia o seu ocultamento nos inícios do século V.

CATÁLOGO

ABREVIATURAS UTILIZADAS

DEN. - Denominação das moedas
 N - Nummus
 FH - Falling horseman (cavaleiro caído)
 V1 - Valentinianus I
 Vn - Valens
 Gr - Gratianus

V2 - Valentinianus II
 Th1 - Theodosius I
 A - Arcadius
 Hn - Honorius
 RIC - *Roman Imperial Coinage*, 10
 Vol.

CLAUDIO II

ROMA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VI	Eixo	Módulo
1	A	[DIVO CLAVDIO]	[CONSECRATIO]		>270	259	11	14 mm

CONSTANTINUS I

ROMA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VII	Eixo	Módulo
2	N	[VRBS ROMA]	<i>Loba com gémeos</i>	// R F Q	337	406	6	14 mm

HELENA

CONSTANTINOPLA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
3	N	[FL IVL HE-LENAE AVG]	[PA]X PVBLICA	//CONSA	337-340	35	5	16mm

INDETERMINADA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
4	N	[FL IVL HELENAE AVG]	[PAX PVBLICA]	?	337-340		6	13mm

CONSTANS

ROMA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
5	N	CONSTAN-S PF AVG	VICTORI[AE DD AVGG] Q NN	‡//R€	347-348	94	6	15mm

THESSALONICA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
6	N	[CONSTAN]-S PF AVG	VICT[ORIAE DD AVGG] Q NN	‡ //SMT[SA]	347-348	106	12	12mm

CONSTANTIUS II

AQUILEIA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
7	Æ3	[DN CONSTANTIVS PF AVG]	FEL TEMP-[REPARATIO](FH3)	II - *//AQT.	354-356	215	6	16mm

NICOMEDIA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
8	Æ4	[DN]CONSTAN-TIVS P[F AVG]	[FEL] TEMP-RE[PARATIO](FH3)	// SMNA	354-356	96	6	17mm

TREVERI

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
9	Æ4	[DN CONSTANTIVS PF AVG]	[SPES REI]-PVBLICE	//[S]MTRP	358-361	361	5	14mm

INDETERMINADA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
10	Æ3	[DN CONSTANTIVS PF AVG]	[FEL TEMP-REPARATIO](FH3)	?	351-356		4	17mm
11	Æ4	[DN CONSTANTIVS PF AVG]	[SPES REI]-P[VBLICE]	?	358-361		5	15mm

IVLIANVS

INDETERMINADA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC VIII	Eixo	Módulo
12	Æ4	[IVLIANVS (AVG ou CAES?)]	[SPES REI-PVBLICE]	?	358-361		12	13mm

CASA DE VALENTINIANUS

INDETERMINADA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC IX	Eixo	Módulo
13	Æ3	V1, Vn, Gr ou V2	[SECVRITAS REIPVBLICAE]	?	364-378		5	16mm

THEODOSIVS I

ROMA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC IX	Eixo	Módulo
14	Æ4	[DN THEODOSIVS PF AVG]	[VICTORIA AVGGG]	://[RP]	383-388	57c	12	12mm

ARCADIVS

INDETERMINADA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC IX	Eixo	Módulo
15	Æ4	DN AR[CADIVS PF AVG]	[SALVS REIPVBLICAE]	// [?]	383-395		12	12mm

CASA DE THEODOSIVS

INDETERMINADA

Nº	DEN.	ANVERSO	REVERSO	EXERGO	CRON.	RIC IX	Eixo	Módulo
16	Æ4	Th1, V2, A ou Hn	[SALVS REIPVBLICAE]	?	383-395		12	12mm

ILEGÍVEIS

<i>Nº</i>	<i>DEN.</i>	<i>ANVERSO</i>	<i>REVERSO</i>	<i>EXERGO</i>	<i>CRON.</i>	<i>RIC IX</i>	<i>Eixo</i>	<i>Módulo</i>
17	Æ3	?	?	?	séc. IV	?	?	15mm
18	Æ3	?	?	?	séc. IV	?	?	Frag.
19	Æ4	?	?	?	séc. IV	?	?	12mm
20	Æ4	?	?	?	séc. IV	?	?	Frag.
21	Æ4	?	?	?	séc. IV	?	?	Frag.
22	?	?	?	?	séc. IV	?	?	Frag.
23	?	?	?	?	séc. IV	?	?	Frag.

